



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

“O Selvagem” de Nicolina Vaz de Assis: síntese identitária do Brigadeiro Couto de Magalhães

Maristela Carneiro¹

Luis Alberto Gottwald Junior²

Resumo: No final do século XIX, o Brasil experimentou uma série de transformações políticas, econômicas e culturais. Esta onda de transformações reverberou na constituição do espaço do Cemitério da Consolação, em São Paulo/SP, o qual passou a espelhar a elite paulista em seus jazigos, concebidos com um nível crescente de elaboração e refinamento estético. Deste modo, o presente trabalho analisa o jazigo de José Vieira Couto de Magalhães e a forma como alguns traços de sua vida tornaram-se presentes na composição tumular concebida por Nicolina Vaz de Assis. Destacando a representação escultórica do indígena, denominada “O Selvagem”, verifica-se o objetivo da artista em constituir a imagem do Brigadeiro por meio da influência militar, artística e intelectual que este possuía em vida, além de reiterar a sua convivência com os indígenas. Também verifica-se na representação da figura feminina os ideais de religião e pátria, pilares fundamentais de sua construção identitária. Destarte, objetivamos cruzar os dados característicos da produção estética da escultora, influenciada pelos pressupostos do *Art Nouveau*, com a trajetória de vida do militar, de modo a compreender o significado da arte tumular representada no jazigo, então compreendida fundamentalmente como síntese identitária do sepultado Couto de Magalhães.

Palavras-chave: Indígena – Identidade – Arte Tumular – Morte.

Abstract: By the end of the 19th century, Brazil experienced a series of political, economic and cultural transformations. This wave of changes reverberated into the constitution of the Cemitério da Consolação, in São Paulo/SP, which began to mirror the city elite in their tombs, conceived with a growing level of elaboration and aesthetic refinement. This way, the present article analyzes the tomb of José Vieira Couto de Magalhães and the manner in which some elements of his life became present in the composition conceived by Nicolina Vaz de Assis. Highlighting the sculptural representation of the indigenous Brazilian, called “The Savage”, we verify the aims of the artist in constructing the image of the Brigadier by means of the military, artistic and intellectual influence he played throughout his life, besides reiterating the time he lived among indigenous peoples. We also verify in the portrayal of the feminine figure the ideals of religion and fatherland, pillars of his identity construction. Thus, we seek to cross-reference data characteristic of the sculptor’s artistic work, influenced by the principles of *Art Nouveau*, like the brigadier’s life, in such a way to understand the meaning of the art present in the tomb, then fundamentally understood as a synthesis of the identity of the buried Couto de Magalhães.

Keywords: Indigenous – Identity – Tomb art – Death.

Introdução

Nas últimas décadas, a arte tumular tem sido objeto de estudo em diferentes áreas. Pesquisadores como Catroga (1999), Borges (2002) e Almeida (2007) estão entre aqueles que

¹ Universidade Federal de Goiás. Contato: maristelacarneiro86@gmail.com

² Universidade de Ponta Grossa. Conato: junior.gottwald@yahoo.com.br

buscaram refletir sobre os cemitérios na perspectiva da Arte e da História. Sob o ponto de vista desses autores, é possível realizar uma análise que envolva túmulos isolados ou um conjunto de obras artísticas de autoria, o que torna a análise da arte tumular como fonte histórica não só viável, mas variável em suas abordagens e recortes múltiplos.

Desse modo, o presente trabalho se propõe a apresentar uma leitura da obra funerária denominada “O selvagem”, parte do túmulo de José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), de autoria da escultora Nicolina Vaz de Assis (1874-1941), datado de 1898. A referida construção tumulária sintetiza elementos considerados relevantes da existência do sepultado Couto de Magalhães, sobretudo elementos de sua vivência social e política, a qual lhe permitiu estar próximo de comunidades indígenas, motivo também presente em seu local de sepultamento.

Foram colacionados dois aspectos considerados intrínsecos para a leitura do túmulo: a trajetória do Brigadeiro Couto de Magalhães e a produção de Nicolina Vaz de Assis, influenciada pelos princípios do *Art Nouveau*. Cotejando a trajetória política e intelectual de Couto com o trabalho artístico de Nicolina Vaz de Assis, verifica-se a multiplicidade de formas e significados que foram empregados para a concepção do túmulo do Brigadeiro, o que reitera a necessidade de se pensar a arte tumular na perspectiva histórica.

O papel do indígena na tessitura literária

Brasil. Meados do século XIX. A temática indianista perpassa a obra de intelectuais do período, como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias; o indígena é inserido a partir da estrutura narrativa do romance europeu do século XIX e representado a partir de ações heroicas e da própria cultura intelectual que se desenvolvia no Brasil nesse período, contribuindo para se forjar uma identidade nacional. Entretanto, este modelo de identidade nacionalista característico do movimento do indianismo literário ultrapassou os autores ditos “clássicos” da primeira fase romântica e marcou uma variada produção em termos técnicos e práticos.

Deste modo, não é somente na vertente romântica e literária que se encontrava o elemento indígena. Viajantes como o brasileiro Barão de Capanema e o diplomata inglês James Henderson deixaram obras que, ora se destacavam pela descrição de comunidades indígenas, ora defendiam uma postura de cristianização, que evidenciava suas diferenças culturais entre o europeu e o indígena, sob vias de estranhamento. Dessa forma, os relatos

produzidos por estes e outros viajantes do século XIX não só apresentam uma perspectiva descritiva das sociedades, tradições culturais, traços físicos e perfis psicológicos básicos, mas delineiam a necessidade de conversão destes povos ao cristianismo, o que evidenciava a ideia de “missão”.

Na concepção de Barreiro (2002, p. 106), o entendimento da complexidade de motivações intrínsecas ao exercício de aproximação e catalogação das comunidades é fundamental para explorar as relações existentes entre o viajante e seus interlocutores mais próximos: o indígena, o leitor de sua obra e o(s) financiador(es). Não há como definir o interesse pela venda da obra como único fator de aproximação entre viajantes e indígenas: havia o interesse da cristianização, o interesse em conhecer práticas culturais diferentes e a possibilidade de angariar fama com uma obra publicada. Além disso, é importante ressaltar que o contato com os indígenas não figurava como interesse primordial dos viajantes, visto que os espaços urbanos e outros contingentes populacionais foram igualmente alvos de atenção.

O público da literatura romântica e o da literatura de viagem eram diversos e, ao mesmo tempo, seletos. Enquanto a literatura romântica direcionava-se às elites em narrativas simples e de cunho emocional, as obras descritivas eram direcionadas a intelectuais, conforme observa Manthorne (1996, p. 60). A autora destaca que havia viajantes e consumidores de arte da viagem, principalmente norte-americanos e europeus, que se interessavam pelo Brasil e pelas particularidades culturais das comunidades indígenas do território.

Assim, caracteriza-se o caráter mercadológico de produção dessas obras, ao lado de motivações políticas, as quais podem ser percebidas tanto na busca por promoção da imagem pessoal por parte dos autores perante a elite, quanto por parte desta mesma elite, que via neste tipo de literatura um instrumento de manutenção da sua hegemonia política. Para Machado (2003, p. 135), no Brasil do século XIX a literatura de viagem não se tornou apenas um gênero apreciado enquanto entretenimento, mas chegou a desempenhar um papel fundamental, “de espelho da alma nacional”; as elites nacionais que buscavam constituir sua hegemonia política e mesmo ideológica podiam procurar nestas obras os traços de uma nacionalidade ainda não mapeada.

Assim, o indígena passa a ser não somente um sujeito no qual a identidade romântica da primeira geração se pautava, mas um “objeto” de estudo de viajantes e intelectuais brasileiros. Estes escritores promoviam suas obras tanto no país quanto no exterior para descrever as particularidades que envolviam os costumes dessas comunidades, descrições

estas certamente marcadas pelas trajetórias específicas de seus escritores, diversas em objetivos e estratégias. São fatores que podem ser observados na trajetória política e intelectual do Brigadeiro Couto de Magalhães, assim como em sua principal obra – “O Selvagem”, não por acaso título da obra artística presente em seu túmulo.

Aspectos da trajetória do Brigadeiro Couto de Magalhães: entre política e vivência etnográfica

José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) (FIGURA 1) atuou como político, escritor e folclorista. Nasceu em Diamantina, Minas Gerais, cursou o Seminário de Mariana, tendo sido aluno também da Academia Militar do Rio de Janeiro e do curso de Artilharia de Campanha de Londres. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1859, doutorando-se no ano seguinte. Exerceu importantes cargos na vida pública nacional, tendo ingressado na carreira política no cargo de Secretário da Província de Minas Gerais, entre 1860 e 1861. Durante o Império, também foi várias vezes deputado.

Foi presidente das províncias de Goiás (1863-1864), Pará (1864-1866), Mato Grosso (1867-1868) e São Paulo (1889), última presidência esta que ocupava quando da Proclamação da República. Os primeiros emissários do novo governo não o convenceram a entregar o cargo, porém seria deposto dias depois e substituído por Prudente de Moraes. Em função do seu desempenho como Presidente da Província do Mato Grosso, durante a Guerra do Paraguai (1865-1870), foi homenageado com o título de Brigadeiro Honorário do Exército, título este gravado em seu túmulo. Couto de Magalhães faleceu no Rio de Janeiro, em 1898.

Falava inglês, francês, alemão, italiano e diversos dialetos indígenas, sendo considerado o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil. Autor de “Viagem ao rio Araguaia” (1863), O Selvagem (1876) e Ensaios de Antropologia (1894), dentre outras obras. Seus interesses folclóricos derivavam de sua vivência, tendo sido também precursor na navegação a vapor dos rios Araguaia e Tocantins, criando estradas e pontes que permitiram o acesso àquela região.



FIGURA 1 – COUTO DE MAGALHÃES E SUA PRINCIPAL OBRA – “O SELVAGEM”

FONTE: <https://sambahistorica.wordpress.com/tag/ponte-grande/>

Tendo viajado ao Araguaia em 1863, oportunidade em que escreve “Viagem ao rio Araguaia”, inaugura à margem esquerda do rio, em Itacaiú, alto Araguaia, uma colônia militar dedicada ao apoio da navegação a vapor, em 1867, onde mais tarde também inauguraria uma empresa de navegação e o Colégio de Línguas Princesa Imperial Dona Isabel, destinado às crianças indígenas de ambos os sexos. Vemos que Couto de Magalhães esteve envolvido em múltiplas experiências que o aproximaram das comunidades indígenas, aproximação esta que se reflete diretamente em seus escritos e publicações. Nas palavras de Santos:

Magalhães participou dos principais debates da segunda metade do século XIX, escreveu sobre temas de interesse de sua época, tais como a crítica literária, o romance, o ensaio histórico, a narrativa de viagem e o jornalismo. Mostrou-se bem articulado e tornou-se referência na academia, em particular pelos estudos antropológicos que realizou (...).” (SANTOS, 2007, p. 58)

Couto de Magalhães se interessou pelo contato e estudo de diversos dialetos indígenas, fator que se observa em suas obras. A aproximação e o estudo dos índios brasileiros se faz notar através de “Dezoito mil milhas do interior do Brasil” (1872), “Ensaaios de Antropologia” (1874), “Curso de Gramática Tupi” (1874), “Família e Religião entre os Selvagens” (1874); Anchieta e as Línguas Indígenas (1876) e sua principal obra – “O Selvagem” (1876). Esta última foi escrita a pedido do imperador D. Pedro II para figurar na Biblioteca Americana da Exposição Universal do Centenário da Independência dos Estados Unidos, na Filadélfia. Evidencia-se que Couto de Magalhães buscou dialogar com o indígena na literatura, ainda que sua obra fosse menos romanesca e mais descritiva.

O Brigadeiro Couto de Magalhães não era o único a efetivar esse tipo de obra. No mesmo século, o antropólogo alemão Karl von den Steinen (1855-1929) viajou pela região

norte e centro-oeste do país para estudar algumas comunidades indígenas, cujos resultados também podem ser observados em suas obras. São elas “Durch Central-Brasilien” (Através do Brasil Central) e “Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens” (Entre os povos nativos do Brasil Central). O escritor José Verissimo Dias de Matos (1857-1916) também figura entre esses intelectuais, destacando-se pela obra “A Amazônia”, de 1892, na qual se mesclam elementos de pensamento social e etnografia.

Entretanto, Couto de Magalhães não era etnógrafo. Mesmo assim, sua obra é analisada não apenas como um manual de conhecimento comparativo entre os indígenas e a população europeia, mas também como uma investigação de conhecimento etnográfico para viajantes e pesquisadores que se interessassem pelo estudo dessas sociedades. O próprio título de um dos livros – “O Selvagem”; é influenciado pelo discurso e pensamento etnográfico do século XIX, o qual pode ter sido reforçado no período em que seu autor frequentou as aulas do curso de Artilharia de Campanha, na cidade de Londres.

A concepção de indígena de Couto de Magalhães em “O Selvagem”

Antes de compreender as representações do indígena para Couto de Magalhães, é importante salientar que o general estava inserido em um contexto intelectual que promovia o debate em torno da utilidade do indígena para o trabalho livre, a partir do discurso evolucionista que se construía na Europa, mas era sentido na produção brasileira.

Para David Treece (2003), o debate sobre a questão indígena adquire dimensão econômica no Segundo Reinado. A política de “guerra justa” é substituída por um programa de aldeamento conciliatório. Para inseri-lo ao processo de formação de mão-de-obra era necessário esforço para integrá-lo ao projeto de nação promovido pelo governo imperial. “O debate indigenista se concentrava então na questão da utilidade dos índios para a economia e a sociedade imperiais e da sua qualidade de cidadãos com determinados direitos”. (TREECE, 2003, p.6). Dessa forma, tanto o discurso literário romântico, quanto boa parte das obras produzidas em torno do indígena, tratam do trabalho como condição essencial para alcançar a “civilização”.

Segundo Kaori Kodama (2007), havia setores intelectualizados da sociedade brasileira, formados por médicos, bacharéis em Direito, militares, que defendiam o fim da escravidão indígena para apropriar-se de sua mão-de-obra livre. A catequese era uma das formas de aproximação para alcance do ideal pretendido de “civilização”.

Desde a Lei Eusébio de Queiróz, o argumento de transformação da condição de mão-de-obra indígena já vinha sendo largamente discutido nas Assembleias Legislativas e nas produções de alguns destes intelectuais. Kodama salienta que, “na defesa da colonização interna, ou da colonização realizada com os nacionais, o argumento sobre a necessidade de “separação das raças” formulava um crivo no qual se procurava aproximar os índios”. (KODAMA, 2009, p.7).

Couto de Magalhães encaixava-se neste perfil: sendo militar, político, e escritor cuja temática central era o indígena, Magalhães exaltava a força de trabalho dos índios. Para ele, as terras “virgens” deveriam ser ocupadas por uma “população produtiva” cuja habilidade maior está na extração de recursos da terra. (MAGALHÃES, 1873, p. XXI).

Nesse ponto, percebe-se que Couto de Magalhães estava inscrito no mesmo discurso do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) cujo projeto consistia em promover conhecimento que fomentasse uma cultura erudita nacional, o que se justifica pela produção de seus dois livros: “O Selvagem” e “Viagem ao Araguaia”. Porém, o contato que o militar possui com os indígenas também o aproxima deles, o que modifica parte de seu discurso inicial.

Maria Regina Celestino de Almeida, ao analisar o contato do padre jesuíta João Daniel sobre os indígenas da Amazônia do século XVIII, destaca que seus referenciais teóricos e ideológicos se modificaram. Na concepção de Almeida, “O fato de que verdades preestabelecidas modificam-se, embora lenta e imperceptível, através das experiências de vida e da acurada observação empírica” (ALMEIDA, 2008, p.2).

Assim, percebe-se que o discurso intelectual se encontrava vinculado a determinados postulados ideológicos que poderiam se modificar com ações cotidianas mais próximas das sociedades indígenas. Outro fator de preponderância discursiva de preferência do indígena está na legislação indigenista feita por Pombal, que buscava integrar o indígena à sociedade colonial a partir do incentivo miscigenatório entre índios e brancos. Almeida (2008) destaca que, para muitos intelectuais, “os defeitos sanguíneos dos índios eram mais facilmente perdoáveis”.

Além disso, aos indígenas também interessava a categorização étnica, o que se explica por meio da ideia que, “apesar de todas as mudanças, a principal função das aldeias para os índios se mantinha: espaço de sobrevivência no mundo caótico e ameaçador da colônia. Apesar das políticas assimilacionistas, os índios aldeados continuavam vendo-se e sendo vistos como tais”. (ALMEIDA, 2008, p.49).

Portanto, muitos rejeitam a proposta miscigenatória, preferindo ser chamados como indígenas. Porém, o discurso intelectual estava voltado para o ideal de "civilização" pautado pelo evolucionismo. Monteiro (2001) destaca que enquanto o Tupi representava "a matriz da nacionalidade brasileira" (p.172), o Tapuia era visto como o oposto, pois dificultava o processo de "civilização".

Foi, a princípio, neste volátil contexto que marcou o processo de construção de uma identidade nacional, onde se contrapunha índios históricos aos atuais, índios assimiláveis aos recalcitrantes, que as teorias raciais dialogavam com o pensamento brasileiro. (MONTEIRO, 2001, p.173).

Assim, o modelo exaltado pelos intelectuais era o miscigenado, que facilmente aderiria ao discurso colonizador de trabalho e religião. O discurso de Couto de Magalhães, presente no livro "O Selvagem", mostra essa perspectiva quando trata os indígenas como "selvagens", no título e no conteúdo da obra. Por mais que houvesse algumas resistências, o livro do General mostra que alguns se converteram. (citar páginas do livro).

Para Almeida:

A documentação analisada é reveladora da preocupação do Estado em obter o máximo de informações possíveis sobre os aldeamentos e os índios com o nítido objetivo de dar cumprimento à política assimilacionista, a ser implementada conforme as situações específicas de cada região. (ALMEIDA, 2008, p.52)

O livro "O Selvagem" destaca informações detalhadas dos aldeamentos para que a prática de assimilação fosse construída na mentalidade dos indígenas da região do Araguaia, local no qual o livro é produzido. Assim, Couto estaria inserido no discurso de assimilação e na missão civilizatória de promover mudanças culturais que proporcionassem adequação do indígena a um novo mundo do trabalho. Porém, tal ideal civilizatório revelou-se pessimista a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Monteiro (2001), alguns intelectuais (sobretudo, do Museu Nacional e da *Revista da Exposição Antropológica*) chegaram à conclusão de que o indígena não possuía a mesma predisposição ao trabalho que o europeu. Tal pessimismo é refutado por Couto de Magalhães, quando afirma:

Não devemos conservar, pois, apreensões e receios a respeito dos futuros habitantes do Brasil. Cumpre apenas não turbar, partindo de prejuízos de raças, o processo lento, porém sábio, da natureza. Nosso grande reservatório de população é a Europa; não continuamos a importar africanos; os indígenas, por uma lei de seleção natural, hão de cedo ou tarde desaparecer; mas se formos previdentes e humanos, eles não desaparecerão antes de haver confundido parte do seu sangue com o nosso, comunicando-nos as imunidades para resistirmos à ação deletéria do clima intertropical que predomina no Brasil. (MAGALHÃES, 1876, p.73)

Mesmo não sendo etnógrafo ou antropólogo, Couto de Magalhães conseguiu reunir parte do material necessário para a elaboração de “O Selvagem”, quando esteve governando a província do Pará, obra esta que o coloca como um dos iniciadores dos estudos folclóricos no Brasil, conforme observa Henrique (2003, p. V). Segundo ele, Couto de Magalhães orgulhava-se de falar a língua geral Nheegatú, o que demonstra o contato com as comunidades da região amazônica, já que pertence a uma vertente linguística derivada do tupi-guarani.

Henrique (2003, p. VI) ainda salienta que, a pedidos de D. Pedro II, Couto de Magalhães escreveu e apresentou “O Selvagem” na Exposição Universal da Filadélfia, em 1876, conforme observado acima. Essa atitude demonstra as relações de proximidade entre o folclorista e o imperador, bem como o interesse de aprovação e promoção do livro no exterior. Esse interesse se caracterizava porque o livro ressaltava as riquezas naturais do país e a “integração” das comunidades indígenas com o colonizador. Ainda que os indígenas não fossem cristãos, constituíam o símbolo maior da identidade nacional e estavam efetivamente conectados à “civilização”.

Porém, mesmo que o discurso do livro esteja implicitamente ligado ao conhecimento etnográfico e antropológico de Couto Magalhães sobre as comunidades que conviveu, é preciso separá-lo da primeira geração romântica que se evidenciava na literatura. No discurso da obra, predomina a perspectiva de que o indígena encontra-se em um estágio abaixo do então considerado “civilizado”, viés este proveniente do pensamento que norteava parte do intelectualismo europeu, já que a política imperialista na África e na Ásia no mesmo período promoveu tal posicionamento ideológico.

Desse modo, o propósito da obra escrita por Couto de Magalhães, posteriormente esculpida por Nicolina Vaz de Assis para imortalizar seu idealizador; é mostrar que o indígena possui tanto potencial de trabalho quanto potencial militar, podendo corroborar diretamente com o desenvolvimento da nação, desde que se adeque às práticas econômicas e culturais inseridas no espaço urbano. Nas palavras do Brigadeiro:

Si o exercito fosse composto de homens habitados a vida europea, não seria possível alcançar Piráberuy senão um mez depois; os recursos que ali foram esmagados, graças à rapidez das marchas, teriam se acautellado com o dictador nas margens do Aquidaban. (MAGALHÃES, 1946, p. XXIII)

Desse modo, verifica-se, no texto, a intenção de Couto de Magalhães em defender o indígena, utilizando-se da prerrogativa que, graças a ele, foi possível vencer batalhas

importantes na Guerra do Paraguai – o indígena apresenta-se como um recurso a ser utilizado, valorizado enquanto tal. No que se refere ao aspecto econômico, Couto destaca que a criação de gado e as atividades agrícolas possuem por base o trabalho indígena ou caboclo, de modo a valorizar a ação destes indivíduos na obtenção do produto final.

A obra “O Selvagem” ainda se ocupa em detalhar aspectos fisiológicos, comportamentais, linguísticos e de origem etnológica. Aliás, boa parte do livro se propõe a analisar estes dois últimos fatores: o idioma nhegatu e os aspectos antropológicos que diferenciam os indígenas brasileiros de outros povos. Para Couto de Magalhães, todos os indígenas encontravam-se no estágio de desenvolvimento tecnológico da “idade da pedra polida”, o que moveu a procura de objetos e a criação de um acervo particular de artigos produzidos por comunidades indígenas observadas por ele, feito constantemente evidenciado em sua obra.

Outro ponto de abordagem que deve ser considerado diz respeito às variabilidades etnográficas do indígena. Para Magalhães, o índio dividia-se em três etnias diversas:

1º O índio escuro, grande.

2º O índio mais claro, de estatura mediana.

3º O índio mais claro, de estatura pequena, peculiar à bacia propriamente do Amazonas. Me parece que o primeiro, é um tronco primitivo; os dois últimos são raças mestiças filhas do cruzamento d’aquella tronco com o branco. (MAGALHÃES, 1946, p.68)

Nesse momento, verifica-se a intenção de Couto de Magalhães em registrar detalhes faciais e corporais do primeiro perfil mencionado, imprimindo a este indivíduo características de força e fertilidade. Por sua vez, no segundo e terceiro perfil, o autor reitera a facilidade de aprendizado como fator de destaque.

Além dessa diferenciação entre as comunidades, o Brigadeiro é otimista ao escrever sobre a miscigenação. Para ele, haviam teóricos (os quais não cita, especificamente) que defendiam que “Deus organizou a vida com leis tão sábias e inflexíveis, que não é possível supor-se que tais cruzamentos fossem fecundos” (MAGALHÃES, 1946, p.98). No entanto, Couto de Magalhães afirma que esse pensamento é equivocado, pois mulatos, caboclos, mamelucos e cafuzos possuem extensa capacidade de reprodução. Assim, por mais que considerasse os indígenas como “selvagens”, sua argumentação desloca-se parcialmente do pensamento darwinista social e eugênico que se apregoava na Europa.

Portanto, na visão inscrita em “O Selvagem”, o indígena era um ser dotado de capacidade para o trabalho no campo e na cidade, cuja desvalorização implicava em

desperdício de mão-de-obra capaz de promover o desenvolvimento econômico do país. A miscigenação favorecia essa perspectiva, na medida em que a representação construída pelo Brigadeiro acerca destes indivíduos observados se concentra nos ideais de força e fertilidade, o que permite evidenciar a defesa traçada por Couto aos indígenas em seu livro e a utilidade desta obra enquanto mapeamento de uma identidade nacional ainda não reconhecida.

Caminhos da escultora Nicolina Vaz de Assis: escultora de bustos presidenciais

Tendo observado aspectos da trajetória política, intelectual e social de Couto de Magalhães, voltamo-nos ao seu túmulo, aqui pensado como síntese identitária de sua existência. Argumentamos que o túmulo, enquanto construção póstuma, propõe-se a sintetizar os valores que eram então considerados relevantes pelos vivos para a preservação identitária do morto, no meio social e cultural no qual viveu. A obra constituída pela escultora Nicolina Vaz de Assis para celebrar Couto de Magalhães é adequadamente denominada “O selvagem”.

Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto (1874-1941) nasceu em Campinas, onde também teve início sua carreira de escultura, sendo conhecida por ter realizado o busto de Campos Salles. Não há registros de seu início nas artes; em 1897 foi contemplada pelo Governo do Estado de São Paulo com uma bolsa para estudar e aperfeiçoar-se na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, em função da fama de alguns trabalhos já executados em sua terra natal, quando começou a esculpir estátuas e bustos em caráter póstumo por encomendas de famílias.

Este tipo de benefício era até então somente concedido para homens, de forma que se observa que Nicolina desfrutou de uma reputação incomum enquanto escultora no mundo das artes brasileiras no período. Simioni (2007, p. 95) comenta que:

(...) embora a academia nacional tenha aberto suas portas às mulheres antes de suas congêneres estrangeiras e sem grandes debates acalorados ou resistências por parte dos homens, isso não significou que tenham encontrado uma instituição prontamente capaz de recebê-las.

Segundo a autora, não havia instituições que pudessem assimilar estas alunas, visto que apenas em 1896 seria inaugurado um ateliê exclusivamente feminino, dirigido por Rodolfo Amoedo e Henrique Bernardelli. Nicolina Vaz seria uma das duas únicas mulheres a frequentar o curso de modelo vivo (SIMIONI, 2007, p. 96). Arena (2015) observa que a artista pleiteou o curso nas disciplinas de desenho figurado e superior, o que revela a

autoconfiança da artista e a consciência das necessidades do próprio ofício. Nas palavras da autora:

Rodolfo e Henrique Bernandelli foram os seus professores, os quais notaram em Nicolina uma forte inclinação para a arte em que se iniciava. Seu professor de desenho, Rodolpho Amoêdo, e Dr. Márcio Nery, professor de anatomia, não escondiam a admiração pela artista.

Estudou ainda na Academia Julian, em Paris, novamente com uma pensão concedida pelo governo do Estado, participou de inúmeras exposições no país e mesmo no exterior. Em 1911, por exemplo, participou da I Exposição Brasileira de Belas Artes, expondo as obras *Amor Selvagem* e *Cabeça de Criança*. Executou uma série de bustos de políticos, presidentes de estados e personagens ilustres para o Museu da República. Nicolina faleceu em 1941. Há obras suas em parques e jardins e no Museu Nacional de Belas Artes.



FIGURA 2 – NICOLINA VAZ DE ASSIS, POR ELISEU VISCONTI

FONTE: Visconti, Eliseu. Retrato de Nicolina Vaz de Assis, 1905. Óleo sobre tela, 100x81cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Observamos que Nicolina Vaz de Assis é uma das poucas mulheres que obteve reconhecimento profissional no início do século XX. Em 1905, a escultora foi imortalizada pelo retrato executado pelo pintor Eliseu Visconti (1866- 1944), tela elogiada pelo crítico Gonzaga Duque (1863-1911) (FIGURA 2), demonstrando o reconhecimento atingido, tanto quanto a menção de seus diversos trabalhos em revistas como “Fon-Fon!” e “Kosmos” (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras).

Nicolina se coloca em consonância com os desejos da elite nacional, sobretudo paulistana e carioca. Vejamos:

Seguindo os passos de seus professores, Nicolina é capaz de articular importantes encomendas de obras públicas e privadas, executadas nos programas escultóricos assimilados da tradição europeia, mas também reveladores das demandas exigidas da arte na virada do século XIX [...]. (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras)

No que diz respeito às obras tumulares, veículos identitários de seus sepultados, encontramos duas execuções por parte da escultora Nicolina Vaz de Assis: uma para o túmulo de José Grey, situado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro e outra, de 1898, para o túmulo de Couto de Magalhães, objeto deste trabalho.

“O Selvagem” de Nicolina Vaz de Assis: a identidade perene do Brigadeiro Couto de Magalhães

Conhecida pela confecção dos bustos presidenciais, podemos observar aspectos do trabalho de Nicolina como escultora no túmulo de Couto de Magalhães, presente no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Este cemitério foi o primeiro cemitério público a ser fundado em São Paulo, em 1858, com a denominação Cemitério Municipal, assim como é o mais antigo ainda em funcionamento na cidade. Localizado atualmente em uma das áreas mais valorizadas da cidade – Bairro de Higienópolis, o Cemitério da Consolação encontra-se em bom estado de conservação. É administrada pelo Serviço Funerário do Município de São Paulo, autarquia ligada à Prefeitura que é responsável pelos cemitérios municipais, pelas agências funerárias e velórios e pelo crematório municipal. Para o cemitério em questão é disponibilizado um guia para visitas monitoradas, com agendamento, tornando o espaço acessível para pesquisas acadêmicas.



FIGURA 3 – TÚMULO DO BRIGADEIRO COUTO DE MAGALHÃES

FONTE: Acervo dos autores, Túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, confeccionado por Nicolina Vaz de Assis, Cemitério da Consolação, pesquisa de campo realizada em dezembro/2014.

O túmulo em questão é constituído por diferentes níveis, confeccionados em mármore. Sobre o plinto, encontramos a base da construção, em formato retangular, a qual conta somente com frisos simples em formato também retangular, sem outros detalhes decorativos. O primeiro nível, menor do que a base, é confeccionado em formas curvas, contando com um relevo em bronze denominado “O selvagem”, o qual descreveremos em seguida. Nas laterais deste nível, encontramos dois altos-relevos (FIGURA 4), um em cada lateral: do lado esquerdo são representados pergaminhos, cadernos e uma pena, e do lado direito, por sua vez, uma espada e as tábuas da lei.



FIGURA 4 – ALTOS-RELEVOS LATERAIS

FONTE: Acervo dos autores, Túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, confeccionado por Nicolina Vaz de Assis, Cemitério da Consolação, pesquisa de campo realizada em dezembro/2014.

No nível superior, que conta com o mesmo formato do primeiro nível, mas em menor dimensão, observamos a identificação do sepultado (FIGURA 5). Este nível serve à sustentação do busto do Brigadeiro Couto de Magalhães confeccionado em bronze, posicionado logo acima (FIGURA 6). Sobre a base do túmulo, do lado esquerdo, encontramos uma figura feminina confeccionada em mármore de Carrara, segurando com a mão direita uma bandeira estilizada – uma alegoria à Pátria, a qual também busca salientar a trajetória política e militar do sepultado.



FIGURA 5 – IDENTIFICAÇÃO DO TÚMULO

FONTE: Acervo dos autores, Túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, confeccionado por Nicolina Vaz de Assis, Cemitério da Consolação, pesquisa de campo realizada em dezembro/2014.

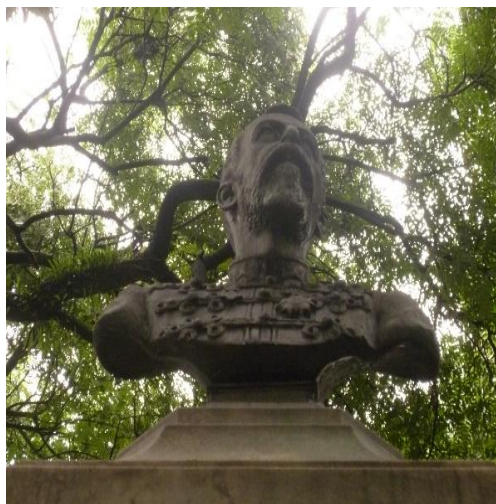


FIGURA 6 – BUSTO DO BRIGADEIRO COUTO DE MAGALHÃES

FONTE: Acervo dos autores, Túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, confeccionado por Nicolina Vaz de Assis, Cemitério da Consolação, pesquisa de campo realizada em dezembro/2014.

Faz-se pertinente salientar que esta necrópole é o principal espaço de sepultamento das famílias mais abastadas da elite paulistana, a qual com frequência delegava a construção de seus monumentos aos escultores de renome do período. Observamos que a obra da artista

Nicolina Vaz de Assis é considerada a primeira manifestação do *Art Nouveau* em São Paulo, bem como é a única obra tumular assinada por uma escultora no período. Ademais, Couto de Magalhães foi o último presidente da Província de São Paulo do Período Imperial, antes da Proclamação da República, conforme já observado.

No túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, constatamos a representação de diversos aspectos da trajetória trilhada durante sua existência, principalmente elementos de sua carreira política e intelectual, com o propósito de sintetizar sua identidade e mantê-la viva no meio social paulistano. Percebe-se que mesmo com a influência do discurso evolucionista que permeava a intelectualidade europeia em meados do século XIX, e mesmo a sua própria experiência, conforme podemos observar em seus escritos, Couto Magalhães manteve-se também ligado ao discurso religioso de cristianização do indígena.

Conforme descrito, no primeiro nível da construção tumulária, encontramos um alto-relevo confeccionado em bronze, denominado “O selvagem” (FIGURA 7). Este apresenta uma figura indígena enquanto personagem central, a qual se encontra despida e com o cabelo tonsurado. O indígena em questão se encontra posicionado dentro de uma canoa de madeira de cedro (madeira utilizada pelos grupos indígenas com os quais Magalhães travou contato), com um remo nas mãos, no centro de um rio. O relevo apresenta as duas margens do rio. Do lado esquerdo observa-se a representação da vegetação típica do pantanal mato-grossense (como a Erva de Santa Luzia e o Carandá) e do lado direito espécimes da vegetação proveniente da floresta amazônica (como a palmeira).



FIGURA 7 – “O SELVAGEM” DE NICOLINA VAZ DE ASSIS, DETALHE DO TÚMULO DO BRIGADEIRO COUTO DE MAGALHÃES

FONTE: Acervo dos autores, Túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, confeccionado por Nicolina Vaz de Assis, Cemitério da Consolação, pesquisa de campo realizada em dezembro/2014.

Pelo tipo de vegetação esculpido em cada lado, é possível concluir que o rio em que o indígena rema é o Araguaia, local no qual o sepultado fundou a Empresa de Navegação do Rio Araguaia, em 1868 e o Colégio de Línguas Princesa Imperial Dona Isabel, em 1871 (MAGALHÃES, 1998, p.15). Assim, enquanto a obra “O Selvagem” se encontra expressa nominalmente abaixo da imagem esculpida, inclusive denominando o próprio relevo de Nicolina, a representação do rio Araguaia demonstra não somente a importância da outra obra escrita por Couto de Magalhães, intitulada “Viagem ao rio Araguaia” (1863), como da própria presença do Brigadeiro na região.

Ademais, um anjo com tocha em mãos foi talhado na parte superior esquerda, o que indica a intenção de Nicolina em reforçar a religiosidade cristã na construção da identidade do sepultado, intenção também presente na representação das tábuas da lei, no segundo nível, que podem aferir tanto a religiosidade quanto a postura política de seu sepultado. Há que se salientar que, ainda que Couto de Magalhães tenha defendido em suas obras o discurso evolucionista, em nenhum momento deixou de defender também a importância da religiosidade como forma de “civilizar” os povos indígenas. Vemos em seu túmulo que o discurso evolucionista atua, em paralelo, com a mentalidade religiosa, ainda que a manifestação desta religiosidade seja com frequência utilizada como uma forma de manter o apoio popular.

O indígena representado poderia ser de qualquer uma das regiões em que Couto Magalhães passou. Conforme Henrique (2003, p. 47) afirma, Magalhães havia encontrado a comunidade indígena Gradahús quando estava às margens do rio Paraguai, e a acompanhado em uma excursão. Ao subir o Rio em direção ao Centro-Oeste brasileiro, Couto de Magalhaes encontrou os Avá-Canoeiros, povos que resistiam a investidas missionárias, efetuando ataques a colonos e causando problemas para o presidente da província. Magalhães não conseguiu maior contato com a comunidade, o que o impediu de conhecê-los mais. Aliás, o general é um dos primeiros indivíduos a perceber a resistência dos Avá-Canoeiros³.

Desse modo, esculpir um canoeiro (atividade ligada à comunidade) e um anjo, pode representar a quebra dessa resistência por Couto Magalhães. Henrique (2003, p. 47) ainda salienta que Couto de Magalhães percebeu que saber falar a língua dos índios significava

³ Para saber mais sobre os Avá-Canoeiros e o encontro de Couto de Magalhães com a comunidade, ver: DE TORAL, André Amaral. Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro. Revista de Antropologia, p. 287-325, 1984.

obter a confiança dos mesmos, o que também era uma forma de garantir a sua absorção enquanto mão de obra para o Império.

Pelos elementos apresentados no túmulo, é possível afirmar que Nicolina Vaz de Assis conhecia parte da trajetória e da obra de Couto de Magalhães, o que é perceptível na maneira como a artista constrói também o homem indígena. Diferentemente do pensamento de Luís Verissimo, que via a indígena como uma mulher “feia e desgraciosa” (1970, p. 123), Couto de Magalhães descrevia o indígena como

[...] varonil e, por conseguinte, dotado dessa beleza mácula que admiramos nas estátuas gregas e romanas: os índios são os de maior corpo e os mais vigorosos que tenho visto: as mulheres não são belas, suas formas atléticas, seus queixos ordinariamente grossos, poderiam agradar a nós, que estimamos ver esse sexo de formas delicadas e frágeis, que dando ideia de sua fraqueza, animam o instinto da generosidade e rodeiam-no de interesse e encanto. (MAGALHÃES, 1946, p.122-123)

O próprio Brigadeiro mostra-se conhecedor e admirador das estátuas gregas e romanas, e estende essa admiração aos corpos indígenas, viris e vigorosos. Ainda que afirme que as mulheres indígenas não sejam belas, salienta que suas formas são atléticas e poderiam agradar aos homens não indígenas que, como o próprio Brigadeiro, estão acostumados a encontrar neste sexo fragilidade e delicadeza, fatores que não se encontram nas indígenas. Esse discurso parece estar atrelado ao próprio interesse do político em defender o uso dos indígenas enquanto mão de obra e, indo além, do emprego dessas comunidades para a composição de uma ideia mais ampla de identidade nacional.

Tal fator se encontra expresso em seu túmulo não somente através da figura indígena, como também da personagem feminina (FIGURA 8). Trata-se de uma alegoria à Pátria: uma figura feminina se encontra posicionada do lado direito do túmulo, portando uma bandeira estilizada, o que destaca o ideal de defesa da nação, característico da vida do Brigadeiro, e da moralidade que acompanha o contexto histórico no qual estava inserido.



FIGURA 8 – ALEGORIA À PÁTRIA, DETALHE DO TÚMULO DO BRIGADEIRO COUTO DE MAGALHÃES

FONTE: Acervo dos autores, Túmulo do Brigadeiro Couto de Magalhães, confeccionado por Nicolina Vaz de Assis, Cemitério da Consolação, pesquisa de campo realizada em dezembro/2014.

Em primeiro lugar, a mulher é colocada de costas para o espaço público e de frente para o Brigadeiro. Sua altura encontra-se abaixo do busto do Brigadeiro e seu olhar direciona-se a ele, de baixo para cima. Esse posicionamento mostra a relação de poder que Nicolina Vaz de Assis pretendia incutir ao retratar o Brigadeiro, ao mesmo tempo em que denota a atitude de respeito da figura feminina que parece lhe ofertar a bandeira que traz consigo. Esta bandeira representa o ideal de defesa da nação valorizado por Couto de Magalhães, através da obtenção de seus títulos militares e de sua participação na Guerra do Paraguai, além de sua atuação política enquanto presidente das províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo.

Por sua vez, a mão esquerda da figura apresenta-se elevada em direção ao busto do Brigadeiro (representado devidamente fardado), o que, em um primeiro olhar, poderia exprimir um gesto de exaltação à sua figura heroica. Em um registro deste túmulo datado de 1936 (FIGURA 9), é possível observar que a figura feminina em questão traz consigo possivelmente um ramo de palma na mão esquerda, provavelmente destruído por intempéries ou pela ação humana. A presença deste elemento reforça a ideia de exaltação, porque a palma é considerada o símbolo da vitória ou da ascensão, ou mesmo da imortalidade, comumente utilizada em representações funerárias.



FIGURA 9 – TÚMULO DO BRIGADEIRO COUTO DE MAGALHÃES EM 1936
FONTE: HENRIQUE, 2004, p. 188.

Observamos que a escultura apresenta pontos de aproximação com as características do *Art Nouveau*. A representação do movimento, a atenção aos detalhes corporais e adjacentes ao corpo feminino, ensejando uma representação de sensualidade, e a relação entre ser humano e natureza encontram-se presentes nesta obra tumular. Com efeito, a arte tumular no período republicano englobou uma variedade estilística bem abrangente, pois acumulou no transcorrer dos anos uma grande quantidade de monumentos funerários, vinculados a diversos estilos (BORGES, 2002, p. 163-164). Todavia, no que diz respeito à inserção das imagens femininas representadas com traços de sensualidade, ainda no período da *belle époque*, Borges argumenta que esta linguagem plástica diferente e inovadora foi trazida especificamente com o aparecimento do *Art Nouveau*, cujas peculiaridades podem ser observadas em obras como o “Monumento aos Mortos” (FIGURA 10), criado por Albert Bartholomé entre 1891 e 1895 para o Cemitério Père Lachaise, em Paris (BORGES, 2002, p. 158).



FIGURA 10 – Monumento aos Mortos, de Albert Bartholomé
 FONTE: Wikimedia Commons, 2015.

Para Valladares, em “Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros”, a sensualidade é o fundamento ético do *Art Nouveau* como condição plena de vivência e grandeza (1972, p. 603). Portanto, o uso da sensualidade se trata de um recurso para mostrar o corpo humano na plenitude de seus atrativos, atingindo um plano realístico de revelação da natureza humana. Observa-se que a obra busca apresentar a relação entre homem e natureza, fazendo uso da representação da sensualidade feminina como exaltação das virtudes do homem, dentre elas o próprio heroísmo. Isso se dá a medida em que a figura feminina, ao combinar o gesto de exaltação, pela posição da mão esquerda elevada, com a própria posição do corpo como um todo, que vai de encontro ao busto acima posicionado, assim como a presença da bandeira estilizada que porta, objetiva glorificar a presença do sepultado Brigadeiro Couto de Magalhães, constituindo no túmulo uma síntese identitária.

Considerações

O conjunto da obra concebida pela escultora Nicolina Vaz de Assis busca perpetuar a imagem do Brigadeiro Couto de Magalhães enquanto um herói nacional da Guerra do Paraguai, a ser imortalizado como político e intelectual. O uso da farda no busto esculpido, a escolha pela bandeira como símbolo da pátria e do nacionalismo e o indígena entalhado em alto relevo são formas de enfatizar essa imagem.

Assim, a composição tumular associada à obra de Couto “O Selvagem” tem a clara intenção de perpetuar a imagem do general enquanto intelectual, político, presidente das províncias, militar e cristão, na medida em que estes elementos aparecem combinados de maneira característica na arte tumular de Nicolina Vaz de Assis. Ao mesmo tempo em que

Couto demonstra ser um homem preocupado com o outro, a política de reconhecer e acolher o indígena é conjugada aos seus parâmetros de civilidade, expressos em seus textos, o que reitera sua posição social frente à inserção destes indivíduos no mundo do trabalho urbano e do próprio exercício de se forjar uma nova nacionalidade.

Recebido em: 16.04.2015. Aprovado em 21.09.2015

Referências

ALMEIDA, M. das G. de. **Morte, Cultura, Memória – Múltiplas Interseções:** Uma interpretação acerca dos cemiterios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, tese de doutorado, 2007.

ARENA, A. **Nicolina Vaz de Assis.** Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_nva.htm>. Acesso em 02 de mar. 2015.

BARREIRO, J. C. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX:** cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BORGES, M. E. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** Ofícios de Marmoraristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

CATROGA, F. **O Céu da Memória.** Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

DE ALMEIDA, Celestino; REGINA, Maria. **Índios e mestiços no Rio de Janeiro:** significados plurais e cambiantes (séculos XVIII-XIX). *Memoria americana*, n. 16-1, p. 19-40, 2008.

DE TORAL, André Amaral. **Os índios negros ou os Carijó de Goiás:** a história dos Avá-Canoeiro. *Revista de Antropologia*, p. 287-325, 1984.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22002/nicolina-vaz-de-assis>>. Acesso em: 16 de nov. 2014.

HENRIQUE, M. C. **O general e os tapuios:** linguagem, raça e mestiçagem em Couto de Magalhães (1864-1876). 2003. Belém: UFPA, dissertação de mestrado, 2003.

HENRIQUE, M. C. **Um toque de voyeurismo:** o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887). Belém: UFPA, tese de doutorado, 2004.

KODAMA, Kaori. **Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860.** In: História e saúde. Fiocruz, 2009.

MACHADO, M. H. P. T. **A sensualidade como caminho. Notas sobre diários e viagens.** In: Revista USP. São Paulo, n. 58, p. 134-147, junho/agosto 2003.

MAGALHÃES, J. V. C. 1876. **O selvagem.** Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1946.

MAGALHÃES, J.V.C. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Diário íntimo.** Companhia das letras, 1998.

MAGALHÃES, J. V. C. **Viagem ao Araguaya.** 1863.

MANTHORNE, K. E. **O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX.** In: Revista USP, n. 30, 1996.

MONTEIRO, John M. **Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de história indígena e indigenismo.** Tese (Livre-docência em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

SANTOS, C. A. dos. **Araguaia-natureza, Araguaia-projeto: paisagens socioambientais em Couto de Magalhães, século XIX.** Brasília: UNB, dissertação de mestrado, 2007.

SIMIONI, A. P. C. **O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX.** In: ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007.

TREECE, David. **O indianismo romântico, a questão indígena e a escravidão negra.** In: Novos estudos, n. 65, p. 141-151, 2003.

VALLADARES, C do P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VERÍSSIMO, José. **Estudos amazônicos.** Universidade Federal do Pará, 1970.